



PROJETO: POR UMA EDUCAÇÃO DESCOLONIZADORA: PENSANDO CULTURAS NÃO OCIDENTAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Bolsista: Marcos Borges dos Santos Júnior
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
cunhajp2013@gmail.com

Orientadora: Danielle Bastos Lopes
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
daniellebastoslopes@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O projeto Por uma educação descolonizadora: pensando culturas não ocidentais no Ensino Fundamental, realizado no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ) tem como objetivo estender a inserção da pesquisa sobre currículo e ensino sobre culturas não ocidentais para todo o primeiro segmento do Ensino Fundamental do CAP-UERJ. A pesquisa cumpre e problematiza os objetivos traçados pelas leis 10.639/03 e 11.645/08 que incorporam a obrigatoriedade do ensino sobre culturas africanas e ameríndias na educação básica. A intenção é estabelecer um vínculo com o ensino sobre culturas não ocidentais já presentes nos conteúdos de História e Geografia estendendo seus fluxos e possibilidades de análise para outras áreas como o raciocínio lógico-matemático, competência textual, orientando a seleção e criação de material didático.



Fig.01- Práticas descolonizadoras no Ensino Fundamental

METODOLOGIA

- 1) Pesquisa quantitativa (baseadas em recenseamentos, coleta e análise de dados recentes sobre culturas não ocidentais nas bases CAPES e CNPq).
- 2) Pesquisa qualitativa, partindo do estudo de caso no próprio instituto CAP-UERJ, voltado para a seleção e produção de material didático.

OBJETIVOS

- 1) Atender aspectos das leis 10.639/03 e 11.645/08 que tornam obrigatório o estudo sobre as culturas afro-brasileiras, africanas e ameríndias na educação básica.
- 2) Aprofundar o ensino sobre socialidades não ocidentais e suas redes culturais no ensino de História e Geografia, e outras disciplinas do Ensino Fundamental.
- 3) Possibilitar o CAP-UERJ como profícuo campo de estágio para alunos das licenciaturas com interesse por estudos sobre culturas não ocidentais na educação básica.

RESULTADOS

- 1) Criação e desenvolvimento do curso de extensão “Por uma Educação Descolonizadora: a formação de professores em uma ótica não ocidental”, realizado nos períodos de março-abril.
- 2) Criação da página “Educação Descolonizadora”.
- 3) Produção e apresentação do artigo “Rompendo com o racismo imagético nas escolas – algumas considerações sobre imagens e educação” no V Congresso Nacional de Educação (CONEDU 2018).
- 4) Organização de grupos de estudos.
- 5) Organização do E-book, produto do curso de extensão.
- 6) Análise e seleção de material didático sobre ensino de culturas não ocidentais para o público do primeiro segmento do Ensino Fundamental.

DISCUSSÃO

Como base de matriz teórico o projeto é ancorado na literatura pós-colonial (APPADURAI, 2013) e pós-estrutural de currículo (MACEDO, 2014), com destaque para inserção dos autores ameríndios, palestinos, indianos, curdos, do campo da Antropologia (BHABHA, 1994; DAS, 2011) e áreas afins. Os estudos articulam os campos da identidade, ensino e diferença pelo viés da descolonização das instituições ocidentais (BEN JELLOUN, 2011). Nossa intenção é estabelecer um vínculo com o ensino sobre culturas ameríndias, africanas, camponesas, curdas, ciganas já presentes nos conteúdos de História e Geografia (BASTOS LOPES, 2014), estendendo seus fluxos e diferenças para outras áreas de ensino, assim como orientar a seleção e criação de material didático.

Tais temas abordados na sala de aula entre os discentes, causaram no primeiro impacto um contexto de estranhamento. Uma imagem atrelada ao primitivo, animalesco e inflexivo reverbera no senso comum dos alunos quando falamos em culturas não ocidentais. Por exemplo, quando se trata de pratos típicos ou comportamentos de uma determinada sociedade ouvia-se falas como, “isso na nossa sociedade não é permitido” e “Isso é maluquice!”, “Eles [uma comunidade não ocidental] são atrasados!”; fatos comumente repetidos.

Neste momento, meu trabalho como bolsista foi de suma importância. Minha função ao transitar entre a docência e a discência, permeia o professorado, mas também não é percebida como aluno da educação básica, sendo assim torna-se importante para quebra de certo “teatro informal” das crianças que se expressam mais livremente. Os discentes com espontaneidade contribuem para as percepções que podemos captar.



Fig.02- Aula de flauta Guarani

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, A. **The Future as a Cultural Fact: essays on the global condition**. London: Verso, 2013.
- BASTOS LOPES, D. “Não” para os clichês. Alteridade indígena e africana ainda é pouco conhecida pelos professores e retratada de forma superficial nos livros didáticos. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 9, n.103, p. 70 - 73, 2014.
- BEN JELLOUN, T. **O islamismo explicado às crianças**. São Paulo Ed. Unesp, 2011.
- BHABHA, H. K. **The location of culture**. New York: Routledge, 1994.
- DAS, V. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 37, p. 9-41, 2011.
- MACEDO, E. Currículo, cultura e diferença. In: LOPES, Alice C. e DE ALBA. A. **Diálogos curriculares entre Brasil e México**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- NOGUERA, R. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.